

INFECÇÃO EXPERIMENTAL POR PARAMYXOVÍRUS EM SERPENTES *Boa constrictor*. ESTUDO ANÁTOMO- PATOLÓGICO, IMUNOISTOQUÍMICO, MICROBIOLÓGICO, HEMATOLÓGICO E SOROLÓGICO

Kolesnikovas, C.K.M.¹; Monezi, T.A.³; Albuquerque, L.R.²; Jacobson, E.R.⁵; Mehnert, D.U.³; Catão-Dias, J.L.^{1,4}

¹Laboratório de Patologia Comparada de Animais Silvestres- FMVZ USP ²Laboratório de Herpetologia- Instituto Butantan ³Dept. de Virologia- Instituto de Ciências Biomédicas- USP. ⁴Fundação Parque Zoológico de São Paulo. ⁵University of Florida

Apesar dos múltiplos avanços na compreensão gênica e taxonômica do OPMV, raros são os estudos investigando a patogenia da enfermidade, sendo apenas a patogenia pulmonar conhecida. Este estudo tem por objetivo a compreensão patogênica da paramixovirose de serpentes, descrevendo as alterações anátomo-patológicas, imunoistoquímicas, sorológicas e microbiológicas observadas após a infecção experimental de *Boa constrictor* por OPMV. A infecção de 12 serpentes *Boa constrictor* foi realizada através de inoculação de solução de vírus a 8 unidades hemaglutinantes via endotraqueal, posteriormente submetidas à eutanásia, aos pares, aos 3, 7, 14, 21 dias e 2 meses após infecção. Dois animais foram utilizados como controle negativo, antes e após estudo experimental. Todos os animais foram submetidos à lavagem traqueal e coleta de sangue nos tempos citados. À necropsia fragmentos de órgãos foram colhidos para análise histopatológica, imunoistoquímica, bacteriológica, isolamento viral e PCR. O soro dos animais foi também utilizado para exame sorológico pelo método de inibição de hemaglutinação. Macroscopicamente as lesões observadas até os 21 dias pós-infecção (PI) não puderam ser correlacionadas ao tempo de infecção, sendo que apenas um animal (7 dias PI) apresentou uma pneumonia pielogranulomatosa. As lesões microscópicas pulmonares observadas ao 3º dia, ou seja, infiltração granulocítica, são semelhantes às descritas por JACOBSON (1997) sendo também diagnosticada hiperplasia e hipertrofia epitelial. Aos 7 e 14 dias PI verificou-se infiltração granulocítica associada à formação de ninhos de mononucleares e hiperplasia e hipertrofia epitelial. Aos 21 dias há persistência de hiperplasia e hipertrofia epitelial com formação de sincícios e aos 2 meses o processo inflamatório exibiu características subagudas ou crônicas, com hiperplasia e hipertrofia epitelial evidentes. Em pâncreas pôde ser diagnosticada formação de sincícios e em baço histiocitose com infiltração granulocítica perifolicular. Gliose difusa ou focal foram diagnosticadas em SNC. O exame imunoistoquímico foi positivo para pulmão, fígado, baço e pâncreas em todos os animais dos grupos de 3, 7, 14 e 21 dias PI, e todos negativos aos 2 meses PI. Resultados positivos de isolamento viral e PCR foram observados dos 3 aos 21 dias PI em pulmão, fígado, baço e pâncreas, não necessariamente de todos os animais. Aos dois meses todos os exames foram negativos. Os mesmos exames para o lavado traqueal foram positivos em 100% dos animais nos tempos de 3, 14 e 21 d PI, em 40% dos indivíduos aos 7 d PI, e negativos em 100% aos 2 meses. A soroconversão ocorreu apenas aos 2 meses PI. Os resultados de imunoistoquímica associados ao isolamento viral e PCR sugerem que o vírus foi provavelmente eliminado aos 2 meses PI. O resultado negativo para lavado traqueal aos 2 meses sugere que a eliminação viral por via aerógena ocorra somente em fases iniciais de infecção em *Boa constrictor*. Os resultados positivos de isolamento e PCR a partir dos lavados traqueais com 3, 7, 14 e 21 dias PI levam-nos a acreditar que este método diagnóstico pode ser utilizado em animais com suspeita de infecção aguda por OPMV, sendo uma forma mais rápida que necessário (6 a 8 sem) para a soroconversão. O relato de doença por OPMV em bóieos é, em relação aos viperídeos, raro e a mortalidade bastante reduzida. A ausência de sintomatologia clínica associada ao encontro de lesões e ao isolamento e diagnóstico positivo por PCR nos animais deste estudo sugerem que as jibóias apresentam uma infecção clinicamente assintomática, porém com eliminação do agente por via aerógena até, ao menos, 21 dias após a infecção. Estes animais poderiam representar, portanto, uma importante fonte de infecção para os répteis.